

MD Magno

# AINDA

Texto apresentado na comemoração dos  
*Vinte Anos do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro*,  
realizada na UniverCidadeDeDeus, 30 outubro 1995.

Início com a audição de *Ainda*, de Pedro Ayres Magalhães,  
com MADREDEUS / LISBOA.

**Vou dizendo / Certas coisas  
Vou sabendo / Certas outras  
São verdades / São procuras  
Amizades / Aventuras  
Quem alcança / Mora longe  
Da mudança / Do seu nome  
Alegria / Vã tristeza  
Fantasia / Incerteza  
São verdades / São procuras  
Amizades / Aventuras  
Quem Alcança / Guarda o amor  
Guarda a esperança / Sem favor  
AINDA / AINDA  
AINDA / AINDA**

Inês Ribeiro **se** interessou, e aí **se** encarregou de promover esta festa. Por isto ela está aqui agora fazendo o papel de nossa Anfitriã. Quero agradecer a ela por isto e a toda a equipe que colaborou com ela para o bom termo do evento. Sem esquecer que a Anfitriã por trás dela e por trás de nós todos, é a Rosane Dantas, a presidente da UD - aquela que administra pessoalmente a instituição com todos os seus problemas que não são poucos nem um pouco, e sem o quê não teríamos o onde e o quando de encenarmos esta festa que a Inês e sua equipe nos empresta.

**1995:** para mim, tem sido um ano cheio de datas:

- 20 anos da fundação do Colégio (1975)
- 20º Seminário (1976-1995, inclusive)
- 10 anos do “Congresso da Banana”
- 40 anos de minha entrada na Psicanálise (comecei leitura de Freud em 1955: *Psicopatologia da Vida Cotidiana*)
- 40 anos do relógio de pulso (Tissot Militar)
- 35 anos do meu casamento (Annita Iedda)
- 32 anos de sala de aula (como Professor)
- Não vão acreditar, mas são 20 anos também daquela **saia** que a minha mulher está usando, em rememoração daquela data - a qual foi comprada bem no centro de Amsterdã, logo após a fundação do Colégio naquele bistrô de Paris junto com a Betty Milan.

Como vocês vêem, eu sou um homem de longas fidelidades.

**...etc. ...etc. ...etc. ...etc. ...etc.**

Fui um dos primeiros a disseminar Lacan no Brasil.

Fui um dos primeiros a fundar uma instituição de orientação lacaniana no Brasil.

Fui o primeiro a publicar um livro sobre Lacan no Brasil.

Fui o primeiro a traduzir um Seminário de Lacan para a língua portuguesa (a tradução de Betty Milan foi publicada primeiro porque assim foi combinado com Jacques-Alain Miller).

Fui o primeiro a traduzir e a publicar textos do Departamento Universitário de Lacan em língua portuguesa (*Ornicar?*) - em coletânea que organizei pessoalmente com Jacques-Alain Miller.

Mas também fui o primeiro a publicar Deleuze no Brasil (*Nietzsche e a Filosofia*).

E também fui o primeiro no Brasil a constatar a falência do lacanismo e, conseqüentemente, a retomar toda a teoria já produzida.

De modo que fui o primeiro - e o único até hoje - no Brasil a refazer toda a teoria psicanalítica num projeto original e completo.

### ESSE NEGÓCIO IDIOTA DE SER O PRIMEIRO É MUITO PERIGOSO

Por uma conjunção muito especial, que poderíamos chamar de Síndrome de Althusser, o lacanismo faliu ao mesmo tempo em que faliu o marxismo. Mas há uma diferença patente entre o lacanismo e o marxismo: é que o lacanismo está morto... e não sabe. É claro que, pessoalmente, Marx e Lacan já faleceram - mas observem que eu não disse que Marx e Lacan estão mortos, pois que estes dois nomes se referem a acontecimentos que absolutamente não morreram, mas sim que marxismo e lacanismo estão mortos, o que é uma evidência (para quem tem olhos para ver, é claro).

Mas, como disse, **esse negócio de ser o primeiro é muito perigoso**. No caso dessa minha participação na introdução de Lacan no Brasil e na língua portuguesa, foi muito perigoso no começo e... mais perigoso ainda no fim.

Perigoso no começo porque: naquele tempo, o Brasil não estava assim cheio de **lacanetas**, como hoje. Praticamente só havia **freudétes**; no máximo um bocado dissidente de **kleinotas**; sem esquecer o aglomerado convincente dos **jungóides**; e a tribo meio maldita dos **reichados**. Então, trazer Lacan foi um bocado temerário: se não por nada, pelo pavor que seu nome instilava nessas várias patotas, ainda dele então completamente ignorantes, temerosas de perder prestígios e dinheiro, além de verem ameaçadas suas belas crenças e verdades. Mas o homem era da Estranja - país que faz muito sucesso e manda muito na cabeça dos mazombos - e lá já começara a ter grande prestígio e boa força: o que logo se tornou prato feito para a mesa miserável dos comedores de subprodutos e restos enlatados. Tanto é que **hoje** a turbamulta lacaneta está inteiramente por aqui refestelada.

Mais perigoso no fim porque: nós outros somos do país onde **santo de casa não faz milagres**, como se costumou dizer. Só que, quando a gente anda por aí, acontece percebermos que santo de casa só não faz milagres em casa onde santo de casa não faz milagres. Já em casa onde santo de casa faz milagres, registra-se muito bem que santo de casa faz milagres, e como! faz milagres. Mas nós, não: somos efetivamente e, até agora, definitivamente da casa onde santo de casa não faz milagres, absolutamente. Assim, como poderia um santo de casa poder ter podido ter o poder de perceber que, por certo acaso, justo junto com o fim de Lacan nos sobrevinha o fim do lacanismo - isto é, a implosão retumbante daquele majestoso edifício assim tão bem construído mas impotente diante do grande terremoto que fechou o Século Vinte terminado prematuro no começo dos noventa? E como ninguém por aqui enxergava, tratou-se de desconsiderar a visão do santo de casa e mesmo de algumas vezes abandoná-lo para ir levantar em outras paróquias novas quitandas lacanianas. Por isto mesmo talvez eu deva

agradecer aos que sempre restaram, se não por nada, pela companhia que fizeram ao solitário santo de casa. Mas foi pior ainda: como poderia um santo de casa poder querer ter o poder de requerer que aqui dentro da tal casa onde santo de casa não faz menor milagre se possa audaciar de refazer o edifício já denovo, e só aproveitando a viga mestra e meia dúzia de pilares do edifício desabado?

Mas como assim? Produzir **magnéticos**? Mas que audácia do bofe! QUEM, esse tupiniquinzinho de merda, pensa que ele é? Como vocês podem ver, não foi por nada que resolvi me tornar, além do brasileiro que sou, também um cidadão oficialmente português: para ter documentalmente a desculpa, por aqui aceitável, de pertencer de direito, como já pertencia de fato, à boa e reconhecida cepa dos descobridores: os tais que tornaram consciente para a Europa esta casa bisonha onde santo de casa afinal não faz mesmo qualquer milagre reconhecível. E ainda por cima ganhei, de lambuja, dada a tal Comunidade florescente, a cidadania européia - e agora ninguém, da casa cujos santos não fazem mesmo milagres, ninguém precisa ficar envergonhado de topar eventualmente com um santo da casa fazendo por aí milagres obscenos, porque também, pelo menos **também**, eu sou um verdadeiro cidadão da Estranja.

E agora está aí. O milagre está feito. Quem quiser que decida se o santo é de casa ou se não é de casa. Para mim tanto faz: dada a minha dupla cidadania. Que façam bom proveito. Parodiando “A Casseta”, aproveite se quiser - mas se não quiser também... Embora eu lhes confesse ajoelhadamente que gostava se o milagre fosse desta casa. E oferecido a todas as casas deste mundo (e de qualquer outro). Possa ser.

Muitíssimo obrigado.